

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### LAÇOS DE FAMÍLIA: ALGUNS NÓS NA LITERATURA BRASILEIRA

Evelyn Blaut Fernandes (Univ. de Coimbra)  
eveblaut@yahoo.com.br

RESUMO: Clarice Lispector é, talvez, a mais importante escritora brasileira. Pela sua escrita densamente concentrada na experiência interior e pelo que questiona, às vezes ironicamente, a função “mulher” na sociedade brasileira. Acredito que o ano em que se comemora cinquenta anos da publicação de *Laços de família* pode ser a oportuna ocasião para refazer a leitura deste conjunto de contos e, com eles, repensar alguns laços, desatar nós e reavaliar o imaginário familiar neste meio século. Por isso, leio o emblemático “Uma galinha”, conto em que a domesticidade e a maternidade tornam-se temas incontornáveis, assim como em “O ovo e a galinha”, de *A legião estrangeira*.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; *Laços de família*; ficção brasileira; literatura e maternidade.

Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravesse os tempos a galinha existe. Mãe é para isso.

Clarice Lispector

No ano em que comemoramos cinquenta anos da publicação de *Laços de família*, penso que refazer a leitura dos treze contos que compõem o livro simboliza desatar alguns nós, repensar alguns laços e rever o imaginário familiar, no Brasil, ao longo deste meio século. O título do livro não poderia ser mais apropriado, a maioria dos contos centra-se em personagens no ambiente familiar. E o laço, como bem sabemos, é um nó corredio, símbolo de união, o laço matrimonial por exemplo. Imagino-o como alguma marca feminina, um laçarote de fita. É também um tipo de corda para apanhar animais em movimento. Diz-se uma laçada, quando há o entrelaçamento.

mento de duas extremidades a fim de aproximá-las ou atá-las. O laço não pode ser cego como o nó, é uma ligação que pode ser desfeita. Em outras palavras, o livro que celebramos não tem a ver com “nós”, mas com “laços”, porque trata simultaneamente de convivências de afeto e coerção. Ou, como escreveu uma poeta portuguesa, Adília Lopes, “Mãe e filha são como duas árvores que estão perto: vivem e morrem das sombras que fazem uma à outra reciprocamente” (Lopes 2006: 50). Isto, no fundo, é outra maneira de falar de relações familiares, relações “cheia[s] de sombras”, “daquelas que oferecem o abrigo, a proteção na convivência familiar, mas que também acabam por ser pouco iluminadas, maculadas pela própria convivência” (Fernandes 2010: 07). A ideia de laço garante o poder de amarrar e mantém os seres nas redes de suas obrigações, uma forma de adesão que pode simbolizar, neste caso, o compromisso, não só imposto pela autoridade, mas desejado livremente pelas partes diferentes que se sentem ligadas entre si. Portanto, os laços podem ser de amor, os que representam os vínculos entre membros de um corpo social, que, através de seus repetidos enlaçamentos, expressam uma união até a morte.

Estes contos, escritos entre 1952 e 1960, retratam famílias que, de modo geral, insistem em traços conservadores, digo, em laços bem atados. E se falo em família, é preciso pensar no palco das relações familiares, a casa. Roberto DaMatta diz que a casa só faz sentido se estiver em oposição ao mundo exterior. Isto comprova como as relações têm sido construídas sobre dicotomias, homem-mulher, público-privado, rua-casa, etc. Assim, é possível delimitar uma ética do espaço público e uma ética do espaço privado, que marca a figura feminina como o centro das rotinas familiares. Ou aquela que, segundo Maria Rita Kehl, aparta a mulher

do convívio social, ignorante quanto às regras do jogo do mundo em que vivia, infantilizada por sua condição de dependente do pai ou do marido, impedida de exercer livremente sua sexualidade, distante do acesso à grande maioria dos recursos que lhe possibilitariam sublimar – para onde poderia crescer esta mulher? Onde mais construir uma identidade a não ser onde Nora tentou reconstituir a sua – na maternidade, no aconchego doméstico, no amor? (1996: 45-46)

A seguir uma leitura simbólica, é isto mais ou menos o que vem a ocorrer com “Uma galinha”, conto que

narra a tentativa frustrada de fuga da ave e a sua detenção pelo dono da casa. Após ter sido alcançada, ela é levada para a cozinha, onde põe um ovo, passando a ser vista como a “rainha do lar”. Talvez seja possível dividir este conto em dois movimentos: o primeiro se refere à tentativa de viver fora das paredes protetoras do lar e suas pequenas comemorações em ter conseguido sair da casa; o segundo movimento remete ao retorno à casa e à submissão após sua captura. (Xavier 2007: 192-193)

“Estúpida, tímida e livre” (Lispector 1998: 31), assim a narradora define a galinha, que é novamente presa e assegurada por uma disciplina familiar, por talvez não saber ainda como lidar com a liberdade. E como se trata de uma galinha, sua escapadela não foi “vitoriosa como seria um galo em fuga”. Se insistir nesta oposição, vejo o que diz Nuno Ramos sobre “Galinhas” e compreendo o quanto o galo é tido como emblema da altivez e da coragem: “Não tenho notícia de uma descrição dos esplendores de suas penas ou do formato de sua crista – apenas a violência homicida dos galos inspirou admiração e poesia, ou ainda o canto deles, que misturado aos tons rosados da manhã consegue afinal transmitir solidão e potência” (Ramos 2008: 75). A galinha é, de outro modo, “um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista” (Lispector 1998: 31).

Não parece gratuito que a autora tenha escolhido uma ave de asas curtas, que alça voos curtos, parideira e chocadeira para simbolizar o feminino. O texto, se o observarmos bem, está repleto de miniaturas, desde a extensão do conto, o menor do livro, à opção por uma ave emblematizada já no nome pela forma diminutiva. No capítulo “A miniatura”, de *A poética do espaço*, Gaston Bachelard não interpreta a miniatura “no simples relativismo do grande e do pequeno” (2000: 170). Por isso, entendo o conto como o “minúsculo, porta estreita por excelência”, que “abre um mundo” (Bachelard 2000: 164). Poderia dizer, em outras palavras, que o conto funciona como uma miniatura, já que, é o próprio Bachelard quem diz, “a miniatura é uma das moradas da grandeza”. E a rever estas citações de Bachelard, vem-me à cabeça o quadro de Gustave Courbet, *A origem do mundo* (1866).

A galinha pode ser entendida como metáfora da dona-de-casa resignada, apelidada pelo marido amoroso com nomezinhos, sempre no diminutivo, que a minimizam. Para Pierre Bourdieu é

como se a feminilidade se medisse pela arte de ‘se fazer pequena’ (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo), mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo – enquanto os homens tornam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos. (1999: 39)

Segundo Bourdieu, a oposição entre o grande e o pequeno se dá pela representação que concede ao homem o papel do provedor e subsequentemente promove

a inserção em diferentes campos organizados de acordo com oposições (entre forte e fraco, grande e pequeno, pesado e leve, gordo e magro, tenso e solto, “hard” e “soft” etc.), que mantêm sempre uma relação de homologia com a distinção fundamental entre o masculino e o feminino e as alternativas secundárias nas quais ela se expressa (dominante/dominado, acima/abaixo, ativo/passivo, penetrar/ser penetrado) vem seguida da inscrição, nos corpos,

de uma série de oposições sexuais homólogas entre elas e também com a oposição fundamental (Bourdieu 1999: 124).

Esta narrativa dá conta, portanto, da trajetória de uma “galinha de domingo” (Lispector 1998: 30) que “parecia calma”, indiferente e igualmente tratada com indiferença pelos demais moradores da casa: “Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela”. No entanto, aconteceu o imprevisto: a fuga da galinha. Imprevisto, porque, para uma organização social como a família, “especialista em estabelecer papéis para os seus membros, mais do que em criar as condições para cada um assumir livremente a sua identidade” (Cooper 1994: 26), parece imprevisível a tentativa de fugir ou de desistir do elo familiar. Vale a pena rever o texto:

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado. (Lispector 1998: 30-31)

Apesar de ter sido tomada por um “desejo transgressor, que refluí interiormente como angústia de liberdade” (Nunes 1995: 274), a galinha parece indecisa, já que não estava habituada a sair de casa e não conhecia os caminhos da rua. É com deliciosa ironia que Clarice Lispector narra o desespero do rapaz em *alcançar* o seu almoço. Não era bem um gesto de ternura ou de proteção do rapaz que tenta capturá-la. Ao contrário, este gesto é uma metáfora da violência nem sempre simbólica, atitude daquele que exerce controle e impede qualquer possibilidade de experiência e qualquer tentativa de libertação, “em nome de algum remoto e insano ideal de família” (Cooper 1994: 116). É irônica, e quase cômica, esta passagem em que o rapaz traz de volta a galinha agarrando-a pelas penas, porque seria como narrar uma cena na qual um homem das cavernas traz de volta a mulher agarrando-a pelos cabelos. Segundo Pierre Bourdieu, “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos” (1999: 50).

Contudo, nós sabemos que são as mulheres as criadoras daquilo que entendemos ser um lar e são, quase sempre, elas que mantêm uma certa orientação da ética familiar. Assim, a galinha parece cumprir o que propõe David Cooper: “Todos os lares são lares familiares. [...] A família se repete, na sua antiinstintividade, em todas as instituições desta sociedade. Sair de casa é a resposta mais curta possível” (1994: 109). Sair de casa, desfazer, ou não, o laço da família, corresponde à situação tensa do conto que se divide com esta frase – “Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa.” (Lispector 1998: 31). Ela parou, foi presa entre “cacarejos roucos e indecisos” e foi levada para a cozinha, “lugar de mulher”, quem nunca ouviu esta máxima pré-conceituosa? A narradora nos diz: “Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada”.

A domesticação das mulheres parece ter um objetivo bem claro que é o de convencê-las de que “a felicidade consiste no aconchego, na paz, na companhia dos filhos, na ausência de preocupações [exteriores à casa], no amor familiar” (Kehl 1996: 35). Algumas figuras femininas acabam por construir a própria identidade em torno da maternidade e do ambiente familiar. É esta a lei que enquadra a mulher no seu “papel materno-passivo-infantil” (Kehl 1996: 47), deixando-lhe somente os filhos como recompensa ou uma ideia de satisfação ou utilidade na vida. Deste modo, são os filhos que operam um papel incontornável na vida doméstica da mulher: “a mulher no espaço ‘doméstico’ estritamente no sentido de casa-com-filhos, já que são os filhos que ‘atam’ a mulher ao lar e determinam algumas exigências (práticas mas também libidinais), algumas limitações (idem, idem), alguns papéis sem os quais nos parece impossível pensar ‘o’ feminino” (Kehl 1996: 55).

Não há, em “Uma galinha”, nenhuma referência à atividade libidinal, o que leva a crer que há uma constatável incompatibilidade entre o espaço doméstico e a feminilidade, entre a maternidade e a sexualidade. Assim, “o espaço doméstico, lugar que se afigura tão apropriado a que a mulher seja plenamente mulher, mostra-se, pelo contrário, o lugar onde isso parece impossível” (Kehl 1996: 64), já que, na casa, a mulher não se realiza por completo, devido a toda uma demanda de cuidados, relegando o exercício da sexualidade e renegando o marido, quantas vezes, em prol dos filhos. Por outro lado, há homens que consideram, ainda, que a configuração completa da mulher só se dá com a maternidade. A comprovação está no texto de Clarice Lispector: “A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam” (Lispector 1998: 32).

Assim é que o laço matrimonial, segundo David Cooper, “pode significar qualquer espécie de conjunção mais ou menos durável e socialmente objetivada entre entidades pessoais” (1994: 32). O corpo da mulher torna-se, assim, alvo de manipulação que acaba por seguir um modelo de feminilidade socialmente imposto, tornando-se, como explica Michel Foucault, um corpo útil e inteligível, ou seja, um corpo sobre o qual se determina uma funcionalidade. Por isso é que vejo por meio da violência simbólica a repetição de um já gasto discurso de que a mulher se submete a imposições nem

sempre masculinas, a imposições culturais que determinam limitações, proibições e obrigações que a circunscreve no seu lugar bem definido de mãe-esposa-dona-de-casa. Segundo Michel Foucault, os “métodos que permitem o controle minucioso das operações [e comportamentos] do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (1977: 126). A leitura de Pierre Bourdieu é, neste sentido, de uma inteligência ímpar ao mostrar que os homens são também manipulados, fazendo parte desta ordenação social: “Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (1999: 63).

Em *A morte da família*, David Cooper afirma que “aqueles que escapam por uma eventual saída de emergência, ou disfarçados de trabalhadores, tendem a acabar num hospício, ou numa prisão, ou em algum outro abatedouro” (1994: 81). É isto o que acontece com a galinha, retida no lar, sob a justificação do conforto e da proteção, no lar que, muitas vezes, não é mais do que uma prisão para corpos femininos, já que a casa acaba por ser, algumas vezes, um verdadeiro exemplo de encarceramento discreto, mas não menos eficiente, uma vez que o *sweet home* ainda funciona, para muitas mulheres, como um abrigo amargo. Sobre a relação entre a disciplina e o espaço, Michel Foucault explica que “a disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande ‘encarceramento’ dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes” (1977: 130).

No fim do conto, como se sabe, a galinha foi abatida e devorada. David Cooper classifica a voracidade em três tipos: a oral, a de evacuação e a de retenção. Na leitura conotativa do conto, ocorre claramente uma voracidade oral. Assim lê-se a última frase do texto: “Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” (Lispector 1998: 33). Apesar de a narradora ter optado pelo uso da forma indeterminada do verbo, parece claro que a galinha foi abatida e engolida por toda a família. Por outro lado, seguindo uma leitura denotativa, é possível interpretar esta antropofagia como uma voracidade de retenção, pois “a voracidade pode visar a partes do corpo humano, pessoas inteiras, grupos ou até classes inteiras” (Cooper 1994: 84). Se a galinha foi engolida pela família, a mulher também o é, muitas vezes, por ideologias moralistas, hábitos culturais ou éticas comportamentais. Diz Nuno Ramos no seu “Galinhas, justiça”:

Pois as galinhas, como tantos outros bichos, formam logo legião, mal conseguindo elevar-se a um significado próprio. Não representam a paz, como as pombas, nem a sabedoria e a vigília, como as corujas, nem a agressividade ativa e predadora, como os falcões ou os condores. Na ausência disso, acabam efetivamente representando para nós um prosaico galeto, uma refeição meio fajuta, barata e insossa. Parece que não pedimos a elas mais do que isso. (2008: 74-75)

Se, num primeiro momento, a galinha foi poupada, foi para que pusesse o tal ovo e exercesse a maternidade. Em síntese, a galinha é o sujeito do sacrifício, a que oferece a própria vida, renunciando a si mesma em favor de outrem, marido, filhos, tarefas domésticas, que, por razões culturais ou afetivas, devota-se ao cuidado dos seus: “O ovo é o grande sacrifício da galinha” (Lispector 1992: 60). E toda esta abnegação voluntária parte daquela que, em nome de algum ideal de família e de segurança, de quem se preocupa com uma ética e com uma estética da imagem familiar, mas que o faz sem perceber que “a violência simbólica não opera na ordem das intenções conscientes” (Bourdieu 1999: 74); assim “[a]s injunções continuadas, silenciosas e invisíveis (...) preparam as mulheres a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos” (Bourdieu 1999: 71).

No conto, a galinha, assim como os demais personagens, é desprovida de nome, assumindo uma identidade percebida apenas pelo seu papel desempenhado dentro da família. Assim, ela é “rainha do lar” e mãe que não pôde escapar do reduto doméstico, para quem foi vedado qualquer exterior possível. Parece que “o ovo é a alma da galinha” (Lispector 1992: 58), como diz a narradora de “O ovo e a galinha”, de *A legião estrangeira*.

Há, portanto, o ovo, “a obra-prima comum a todas as aves, uma perfeita combinação de higiene e de asco, de assepsia e de gosma, de transparência e amarelo de cádmio, de sol e placenta, desastre e construção, de solidez e fragilidade, origem e fim” (Ramos 2008: 76). Se ovo é vida, origem, a sua casca tão frágil e tão protetora faz reforçar o pensamento de que certamente só existem dois lados, o de dentro e o de fora, e de como é fácil escorregar de um para outro, quer dizer, como se escorrega para a vida, escorrega-se também para dentro do mundo dos mortos. Mundos tão estranhos um ao outro, e tão semelhantes, que convivem, se separam e se unem por uma camada muito tênue. E o ovo é também o símbolo universal do nascimento do mundo, como no quadro de Salvador Dalí, *Criança geopolítica observando o nascimento do homem novo* (1943), no qual é retratado o mundo intra-uterino do ovo. Vem-me também à memória *At Cockcrow* (1944), de Marc Chagall, no qual é retratado, na parte inferior do quadro, uma galinha vermelha e dois ovos, um diante de sua pata, outro, dentro da sua barriga. E me lembro das duas imagens pictóricas praticamente em sequência, porque isto trata afinal do mito das origens – quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? – que é quase, por assim dizer, uma questão dialética. O ovo é então uma casca que recobre um recheio desconhecido – clara e gema ou um pinto. E saber do tal recheio faz toda a diferença, porque ovo de casca quebrada são ovos que “estalam na frigideira” (Lispector 1992: 64), é alimento rico em proteína; ovo chocado é filho de galinha, expelido do corpo da mãe:

E a galinha? O ovo é o grande sacrifício da galinha. O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida. O ovo é o sonho inatingível da galinha. A galinha ama o ovo. Ela não sabe que existe o ovo. Se soubesse que tem em si mesma um ovo, ela se salvaria? Se soubesse que tem em si mesma o ovo, perderia o estado de galinha. Ser uma galinha é a sobrevivência da galinha. Sobreviver é a salvação.

Pois parece que viver não existe. Viver leva à morte. Então o que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal. Ser uma galinha é isso (Lispector 1992: 60).

E não é isto, esta luta, esta sobrevivência, que faz a galinha de *Laços de família*?

A galinha tem muita vida interior. Para falar a verdade a galinha só tem mesmo é vida interior. A nossa visão de sua vida interior é o que nós chamamos de “galinha”. A vida interior da galinha consiste em agir como se entendesse. Qualquer ameaça e ela grita em escândalo feito uma doida. Tudo isso para que o ovo não se quebre dentro dela. Ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue (Lispector 1992: 60).

O ovo é, por simbologia, como o ventre materno, como a casa, o ninho, a concha, o seio da mãe. Mas neste seio simbólico funciona a dialética do ser livre e do ser aprisionado, como na dialética do laço que é, ao mesmo tempo, uma doce segurança e um confinamento. Deixo de pensar no dilema da galinha, para refletir sobre o ovo, de onde o pinto deve sair e abandonar sua casca/casa aconchegante. O ovo, como a mãe, torna-se também ele símbolo da morada interior:

Fora de ser um meio de transporte para o ovo, a galinha é tonta, desocupada e míope. Como poderia a galinha se entender se ela é a contradição de um ovo? O ovo ainda é o mesmo que se originou na Macedônia. A galinha é sempre a tragédia mais moderna. Está sempre inutilmente a par. E continua sendo redesenhada. Ainda não se achou a forma mais adequada para uma galinha. (...) Mas para a galinha não há jeito: está na sua condição não servir a si própria. Sendo, porém, o seu destino mais importante que ela, e sendo o seu destino o ovo, a sua vida pessoal não nos interessa (Lispector 1992: 61).

Mas a galinha, para além de transporte, é a primeira morada do ovo, primeira estância da nutrição amorosa. Por isso, “o amor materno é necessário a essa sobrevivência” (Badinter 1985: 17). Refiro-me ao sentimento da nutrição diária, do zelo, digo, do cuidado maternal, cuja função não se atribui necessariamente a uma mulher ou à mãe biológica. Mais uma vez, o ovo não chocado, clara e gema, é alimento; ovo chocado é ovo aquecido, no calor da mãe, para a ave nascer. Mas chocar é também, em sentido transfigurado, refletir sobre algo, chocar uma ideia. Por isso, a narradora de “O ovo e a galinha”, pensa sobre algumas questões que perpassam o cotidiano familiar, a maternidade, a organização do conto, a origem da construção do próprio texto. E este texto trata de uma personagem, quer dizer, uma mulher que é mãe que, um dia, ao preparar o café da manhã, estalando ovos na frigideira e chamando as crianças para saltar da cama e se sentar à mesa, começa a refletir sobre a origem do ovo, sobre a origem do conto, sobre o seu cotidiano familiar, sobre a própria natureza da literatura – “Mas é que ninguém sabe como se sente por dentro aquele cujo emprego consiste em fingir que está traindo, e que termina acreditando na própria traição” (Lispector 1992: 64-65).



Não podemos esquecer que os dois contos sobre os quais trato aqui estão circunscritos a um período histórico, ou melhor, a uma década histórica que são os anos 60, tempo em que efetivamente tornaram-se flagrantes as grandes mudanças sociais, no que diz respeito à função e à participação das mulheres na sociedade. E claro que essas mudanças, a longo prazo, começam a mudar o rumo dentro das casas e a intervir no imaginário familiar. Não é gratuito, talvez, que os dois contos de Clarice Lispector tratem de duas galinhas às voltas cada uma com seu ovo e que neles não haja participação de galo algum. Talvez porque o galo já tenha participado, deixado a sua marca, a fecundação. Preparar o ninho, expelir o ovo e chocá-lo é tarefa de galinha e não de galo, é tarefa de fêmea e não de macho, e imagino o quanto, nos anos 50 e 60, esta não tenha sido uma metáfora transbordante para a divisão do trabalho doméstico. E esta metáfora, em alguns lares, ainda é muito viva. Porque muitas mulheres procuraram e acharam o seu lugar no mercado de trabalho, mas vejo que muitos homens não sabem ocupar o espaço dentro de suas próprias casas. Trocando em miúdos, a inserção definitiva no mercado de trabalho não excluiu as mulheres das principais responsabilidades pela vida doméstica e as mulheres desempenham uma jornada malabarista de trabalho. E nesta jornada inclui-se aquela que é a maior fonte de recompensa, de amor e de vida: a maternagem para “que os filhos sejam então o falo da mulher; que ela tente conseguir tudo o que o amor lhe puder dar, já que é do amor que lhe virão todas as compensações – é esta a condição da mulher, ou de alguma mulher” (Kehl 1996: 45):

A um certo modo de olhar, a um jeito de dar a mão, nós nos reconhecemos e a isto chamamos de amor. E então não é necessário o disfarce: embora não se fale, também não se mente, embora não se diga a verdade, também não é mais necessário dissimular. Amor é quando é concedido participar um pouco mais. Poucos querem o amor, porque o amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário: amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor. (Lispector 1992: 63)

Ao refletir sobre o amor materno, Elizabeth Badinter pensa que “os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos. Por que não poderíamos admitir que quando não é valorizado por uma sociedade, e portanto não valoriza a mãe, o amor materno não é mais necessariamente desejo feminino?” (1985: 16). Esta maternagem, portanto, tem a ver com os deveres familiares (transmissão de valores, educação) e com o desejo da mãe, um desejo que muito se confunde com algum exercício da sexualidade, porque “a maternidade durante tanto tempo foi mantida como o único lugar permitido ao exercício de alguma sexualidade, ainda que perversa, para a mulher” (Kehl 1996: 68). Também seria curioso pensar nas diferenças, nem sempre mínimas, de atitudes de mães que relegam seus filhos ao cuidado de outrem, e o comportamento de mães coruja, ou mães galinha, que metem os filhos debaixo das asas para protegê-los, não, para superprotegê-los, sob justificações várias que vão da violência, o perigo nas ruas, à falta

de proteção e a insegurança das próprias mães. Galinhas são mães superprotetoras, estabanadas.

Mas ainda me pergunto a que conceito de maternidade me refiro aqui. Ao estado fisiológico de formação do feto, a gravidez? Ou à maternagem, ação a longo prazo? Como observa Elizabeth Badinter, “a função materna, levada ao seu limite extremo, só terminaria quando a mãe tivesse, finalmente, dado à luz um adulto” (1985: 20). O amor materno é, portanto, “apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito” (Badinter 1985: 22). O amor materno, e volto a “O ovo e a galinha”, é isto: “devoção”, “adoração possessiva” (Lispector 1992: 66). E compreendo agora que escrever sobre o sentimento maternal é, no fundo, perceber que laços de família nem sempre são laços de sangue: “Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravessasse os tempos a galinha existe” (Lispector 1992: 59). Ou, como diria a poeta Tatiana Pequeno: “(as mães aqui estão de passagem) / os ovos são diversos,” (2009: 59).

#### **OBRAS CITADAS**

- BACHELARD, Gaston. 2000. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BADINTER, Elizabeth. 1985. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOURDIEU, Pierre. 1999. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- COOPER, David. 1994. *A morte da família*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- DA MATTA, Roberto. 1997. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- FERNANDES, Evelyn Blaut. 2007. *Da arte de se fazer pequena. Encontro com a obra de Clarice Lispector: a estrela e o coração selvagem*. Rio de Janeiro: FL/ UFRJ. CD-ROM.
- . 2010. Luiza Neto (para) Jorge: um ramo contínuo saído da sua raiz. Colóquio “A caminho do mar, mão na outra mão” em homenagem ao Professor Jorge Fernandes da Silveira em seu 40º aniversário de UFRJ. Organização Luis Maffei. Rio de Janeiro: FL/ UFRJ. prelo.
- FOUCAULT, Michel. 1977. “Os corpos dóceis”. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- KEHL, Maria Rita. 1996. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- LISPECTOR, Clarice. 1992. *A legião estrangeira*. São Paulo: Siciliano.
- . 1998. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LOPES, Adília. 2006. *Le vitrail la nuit \* A árvore cortada*. Lisboa: & etc.
- NUNES, Benedito. 1995. “A paixão de Clarice Lispector”. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.

PEQUENO, Tatiana. 2009. *Réplica das urtigas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.

RAMOS, Nuno. 2008. *Ó*. São Paulo: Iluminuras.

XAVIER, Elódia. 2007. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres.

*LAÇOS DE FAMÍLIA: SOME KNOTS IN BRAZILIAN LITERATURE*

ABSTRACT: Clarice Lispector perhaps is the most important Brazilian writer. For her writing densely concentrated in the inner experience and questioning, sometimes ironically, the function “woman” in Brazilian society. I believe the year we celebrate fifty years of the first publication of *Laços de família* may be a opportune time to remake the reading of those short stories, and with them, to rethink some ties, untie some knots and re-evaluate the imaginary family this half century. So I read the emblematic “Uma galinha”, tale in which domesticity and motherhood become essential issues, as well as in “O ovo e a galinha”, from *A legião estrangeira*.

KEYWORDS: Clarice Lispector; *Laços de família*; Brazilian Fiction; literature and motherhood.

Recebido em 12 de outubro de 2010; aprovado em 30 de dezembro de 2010.